

Contudo, sabeis bem qual é o vosso dever: novas realizações através iniciativas ousadas; dedicação e sacrifícios sem medida; poupança extrema dos recursos que vos são dados; espírito de verdade; escrupulo, método e prudência; organização e solidariedade perfeitas. Prova disso está no terdes querido fazer desta comemoração, não apenas a oportunidade de lembrar os triunfos já obtidos, mas também o ensejo para lançar uma realização a mais — o Museu Geográfico.

Esse Museu recolherá, para a veneration e o agradecimento dos pósteros, as reliquias dos pioneiros, dos apóstolos e dos mártires, que fizeram o dom de si à nobre causa da revelação e da conquista científica da nossa Terra. A civilização vai penetrando a hinterlândia semicontinental do Brasil pelas trilhas que eles abriram, e vai utilizando os conhecimentos que eles nos legaram. Mas as peripécias das suas aventuras, o arrôjo dos seus feitos, os testemunhos dos seus sacrifícios, o mérito das suas jornadas, — é preciso que permaneçam cada vez mais vivos diante da imaginação, da curiosidade e da reverência das novas gerações, a despertarem imitadores, a criar uma consciência nacional em torno dos problemas de nosso espaço geográfico. Nesse esforço já se empenham vários sodalícios. Mas em boa hora nos dá o Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica esse novo templo em que se resguardarão e se perpetuarão os símbolos sagrados das nossas reminiscências em torno dos homens e dos acontecimentos que nos

deram a posse plena do solo pátrio, e nos propiciaram o aproveitamento das suas inumeráveis possibilidades.

Eis aí porque êsses acordes finais da vossa admirável sinfonia evocativa voltaram-se para o passado. Nele buscam inspiração para um hino aos obreiros que vos precederam. E, de novo voltados para o futuro, entoam um cântico de confiança no esforço tenaz dos que, como vós, dedicarem ao conhecimento da terra brasileira todo o seu tempo, tôdas as suas energias, tôdas as suas aspirações.

As bênçãos da Pátria desçam sobre vos. E que elas vos dêem o destemor, a firmeza de vontade e o espírito de sacrifício que a um só tempo exigem os vossos ideais e os vossos deveres. Esse é o voto fraterno que fazemos, neste momento, todos quantos à sombra da mesma bandeira — o conhecimento do Brasil, e no seio da mesma instituição — o I.B.G.E., convosco nos irmanamos no anseio de revelar, organizar e engrandecer a terra e a gente do Brasil”.

Inauguração do Museu de Geografia

Terminada a oração do secretário geral do I.B.G.E., o Sr. HERTOR BRACET, convidou a Sra. MARIA MAC-DOWELL LEITE DE CASTRO para cortar a fita verde-amarela que envolvia os mostruários do Museu de Geografia, afim de dar êste como inaugurado.

Além da inauguração do Museu cultural do C.N.G., foi feita, naquela data, no salão principal da sede do Serviço, uma exposição de trabalhos geográficos.

ADQUIRIDOS PELO ITAMARATÍ DOIS ANTIGOS ATLAS DO BRASIL

O Sr. OSVALDO ARANHA, ministro das Relações Exteriores, adquiriu recentemente, em Londres, dois atlas do Brasil, até hoje desconhecidos, e que são duas obras-primas da cartografia portuguesa do século XVII.

Estado do Brasil coligido das mais certas notícias

O mais antigo dos Atlas recentemente adquiridos intitula-se: “Estado do Brasil coligido das mais certas notícias que pôde ajuntar D. Jerônimo de Ataíde, por João Teixeira Albernaz, cosmógrafo de sua Magestade. Ano de 1631”.

O Atlas compõe-se de 36 cartas coloridas, medindo, em média cerca de 0,462 x 0,440, as quais obedecem a seguinte ordem:

I — *Carta Geral* com o título “Estado do Brasil”; inscrito numa fita que envolve o escudo das armas de Portugal, encimado por uma coroa real; II — *Carta do atual território da Argentina*, compreendida entre o Rio da Prata, a Baía de S. Matias e o Cabo do Padrão; III — *Carta do Estuário do Rio da Prata*; IV — *Carta da parte da costa entre o C. de Sta. Maria e a Barra do Rio Grande do Sul*; V — *Carta do Rio Grande*; VI — *Carta da costa entre o Rio Grande e o Rio Guaratuba*; VII — *Carta da Capitania de S. Vicente* (até a Ilha de Cananéia); VIII — *Carta da Capitania de S. Vicente* (até à barra de S. Vicente); IX — *Carta da Capitania de S. Vicente* (até à Barra da Bertioiga); X — *Carta da Capitania de Santo Amaro*; XI — *Carta do Distrito*

do Rio de Janeiro (até à barra do Rio de Janeiro); XII — *Carta da Capitania do Rio de Janeiro* (com a cidade e uma pequena planta anexa da fortaleza de Santa Cruz); XIII — *Carta do Distrito do Rio de Janeiro e Capitania de Pero de Góis*; XIV — *Carta da Capitania do Espírito Santo até ao morro de yº Moreno*; XV — *Carta da Capitania do Espírito Santo até à Ponta do Tubarão*; XVI — *Carta da Capitania de Pôrto Seguro até ao R. Mucuripe*; XVII — *Carta da Capitania de Pôrto Seguro até ao R. dos Frades*; XVIII — *Carta da Capitania de Pôrto Seguro até ao R. de S. Antônio*; XIX — *Carta da Capitania de Ilhéus até à Ilha Pitangos*; XX — *Carta da Capitania dos Ilhéus até à barra de Jaguaribe*; XXI — *Carta da Baía de Todos os Santos capitania de sua Majestade* (com a planta anexa de quatro fortes de Santiago, Santo Alberto, S. Filipe e Sto. Antônio); XXII — *Planta da Restauração da Baía*; XXIII — *Carta da capitania da Baía até ao R. de S. Francisco*; XXIV — *Carta da costa até ao cabo de S. Agostinho*; XXV — *Planta do pôrto e barra de Pernambuco*; XXVI — *Planta da região de Pernambuco desde a Barreta dos Currais até ao Pão Amarelo*; XXVII — *Carta da costa de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba*; XXVIII — *Carta da ilha de Itamaracá*; XXIX — *Carta da costa da Paraíba até à Ponte Negra*; XXX — *Carta do Rio Grande do Norte*; XXXI — *Carta do Rio Grande do Norte desde os Baixos de S. Roque, até ao R. Opinama*; XXXII — *Carta do Ceará*; XXXIII — *Carta da Província do Maranhão*; XXXIV — *Carta da Província do Maranhão até Amazonas*; XXXV — *Carta da Província do Grão Pará*; XXXVI — *Descrição dos Rios Pará, Copupá e Amazonas descoberto e sondado por mandado de Sua Majestade, por ANTÔNIO VICENTE PATRÃO, de Pernambuco.*

D. JERÔNIMO DE ATAÍDE era, como se depreende do mesmo Atlas, em 1631, donatário da Capitania dos Ilhéus, à qual são dedicadas duas cartas, das mais minuciosas. Na segunda delas lê-se: "... E todos confissão ser esta a melhor e mais fértil terra de todo o estado, de modo que he proverbio comum q o Brasil he hu ovo e os Ilheos a gema e se se meter cabedal nesta capitania será de grandissimo trato, e importancia". Daqui parece deprender-se que D. Jerônimo de Ataíde mandara organizar o Atlas, como fim de propaganda e o designio de atrair colonos e capitais à sua capitania. Não obstante, as cartas mais importantes do Atlas não são essas. Ao número daquelas pertencem, segundo a ordem por que estão colocadas, a Carta do "Estado do Brasil"; a carta da "Capi-

tania de S. Vicente", e em que figuram S. Vicente, Santos e S. Paulo; a carta da "Capitania do Rio de Janeiro", com a planta da cidade; a carta da "Baía de Todos os Santos, a "Planta da Restauração da Baía", a carta topográfica da região de Pernambuco e arredores; a carta do Rio Grande do Norte; a carta da "Província do Maranhão"; e, finalmente a do estuário do Amazonas. Destas ainda as mais interessantes são a Carta Geral do Brasil, a do Rio de Janeiro, a de Pernambuco e arredores, com a de Itamaracá, a do R. Grande do N. e a do estuário do Amazonas.

No contôrno geral, a carta pertence ao mesmo tipo da de LOPO HOMEM, de 1519, em que o Cabo de S. Maria está situado aproximadamente sobre o mesmo meridiano do Maranhão e onde figuram duas bandeiras portuguesas, uma ao norte do cabo do Norte e outra, muito ao sul do estuário do Prata. Também, na carta de JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ, o meridiano de Tordesilhas, passa, ao norte, pela foz do Rio de Vte. Pinzon, e, ao sul, pelo cabo do Padrão, no extremo sul da Baía de S. Matias. A costa está dividida em capitánias e figuram também ao longo dela e no interior os nomes das tribos aborígenes, conforme a sua distribuição sobre o território. Na carta figuram o equador e um meridiano graduado. Do cabo de S. Agostinho à barra do Pará medeiam 25º, com erro por excesso, quase do dobro. Particularmente interessante é igualmente a carta topográfica da baía de Guanabara e cidade do Rio de Janeiro, com a planta anexa e a descrição da Fortaleza Santa Cruz, além duma descrição muito minuciosa da cidade, por meio de letras remissivas. É do maior interesse para a história da cidade. Mas a mais notável, porventura, de todas as cartas, é a da região de Pernambuco. Mau grado o Atlas datar de 1631, esta carta, ou melhor, o seu protótipo, foi traçado nos primeiros meses do ano de 1630 e logo após a tomada de Olinda pelos holandeses. A carta é acompanhada de 69 letras e algarismos de referência às legendas respectivas, a maioria das quais servem para designar a posição e as defesas das forças holandesas e portuguesas, frente a frente. Entre essas posições figura a que é assinalada com as letras LL, às quais corresponde a seguinte legenda, que vamos transcrever na integra, dada a sua importância:

"Onde assiste Antº Ribro. de Lacerda, a cujo cargo está a defesa do desenho da villa de Olinda lugar e porto do arrecife na melhor forma q se pode tirar, e he o como estava quando se tomou e o como agora a vão fortificando de Olandezes.

Rio e da Ylha e mais estancias da banda do mar té as barretas. E' evidente que nesta legenda foi interpolado o trecho que vai desde "desenho" até Olandezes".

O que estava a cargo de A. R. de Lacerda era a defesa do rio Capibaribe, a ilha de Sto. Antônio e a parte da costa, que se estendia para o sul até às barretas dos Afogados e dos Currais.

Seria que, na legenda, se atribuisse a autoria do "desenho" a A. R. DE LACERDA?

Seja como fôr, ao tempo em que se fez o desenho desta carta, RIBEIRO DE LACERDA tinha a seu cargo a defesa dum determinado setor da costa e do interior. Ora sabe-se que êle morreu em fins de Abril ou Maio de 1630. (V. VARNHAGEN, *História Geral do Brasil*, 3.^a ed. integral, T. II, págs. 285-286). Eis a razão porque afirmamos que a carta data dos primeiros meses de 1630, após a conquista de Olinda. E' o que, aliás, se depreende igualmente dos dizeres da pequena carta da ilha de Itamaracá. Esta carta tem, por consequência, importância não só para o estudo dos primeiros passos da invasão holandesa, mas para o conhecimento da toponímia da região à data daquela invasão.

O mesmo interesse oferece a carta muito minuciosa do Rio Grande do Norte, acompanhada igualmente de legendas e letras remissivas.

Finalmente, não conhecemos Atlas algum em que figure a interessantíssima carta da foz do Amazonas, feita por Antônio Vicente Cochado, mas de que, aliás, o Itamarati possui cópia fotográfica de outro exemplar, na coleção oferecida pelo Secretariado da Propaganda de Portugal, em 1941.

Livro de tôda a costa da provincia de Santa Cruz O segundo dos Atlas adquirido pelo Itamarati intitula-se: "*Livro de tôda a costa da Provincia de Santa Cruz*", feito por João TEIXEIRA ALBERNAZ. Ano de 1666" e compõe-se de uma carta geral do Brasil e 30 cartas parciais, coloridas e iluminadas, sendo uma destas, a da Baía de Todos os Santos, desdobrável como a primeira.

As cartas parciais medem cêrca de 0,m360 x 0,m228. A carta geral do Brasil mede 0,m585 x 0,m400 e a da Baía de Todos os Santos, 0,m580 x 0,m400.

O Atlas começa por uma descrição do Brasil, em que depois duma rápida referência ao seu descobrimento se indicam os limites do Brasil, pela seguinte forma: "Comesa de banda do Norte em altura de hu grao e dois terços. E acaba no Cabo de Santo Antão no Rio

da Prata em altura de trinta e sete graos e hu terso da banda do sul. Vay fazendo esta costa hua grande volta para o oriente até o Cabo de Santo Agostinho em altura de oito graos e meio e acim tem 1 200 legoas de costa e no mais largo do sertão do Norte Sul 680 e de oriente a ocidente 400. Pella parte do Oriente a lava o mar Oceano Ocidental, pella do Ocidente confina com a Provincia de las Charcas: dividias o Rio Para; e, com a de Tucuman, o Rio da Prata".

A parte restante da descrição consta de noções gerais do roteiro do Brasil, sôbre as mudanças na orientação da costa desde o Amazonas ao Prata e sôbre os recifes litoreâneos.

Os trechos, que transcrevemos, são dum grande interesse, pois neles se esboçam os limites do Brasil, tal como se entendiam na época: ao norte, o Pará, quer dizer, o Amazonas; ao sul, o Prata; e, a oeste, o Prata e o Amazonas e as Provincias do Tucuman e Charcas.

Esta concepção dos limites do Brasil, ainda que tão vaga, prenuncia já o pensamento de Alexandre de Gusmão, dando por limites as balizas naturais, constituídas pelos rios, e regulando a soberania pela ocupação efetiva de cada um dos Estados — Portugal e Espanha. Não obstante esta vasta concepção da unidade territorial brasileira, os limites do Brasil, no Atlas de 1631, eram ainda mais vastos na linha norte-sul.

Por forma geral, o Atlas de 1631 é mais correto e dum estilo cartográfico, muito mais perfeito. Mas êste Atlas de 1666 é, quase sempre, muito mais rico de toponímia e pormenores topográficos, em especial, pelo que respeita à costa leste-oeste e à costa do atual Estado de Paraná.

"Dentre as suas cartas, destacam-se a geral do Estado do Brasil; a Demonstração do Maranhão até o Rio das Preguissas", riquíssima de nomenclatura e instruções nauticas, quando comparada com a carta correspondente no Atlas de 1631; a "Aparencia de Pernambuco", com a "Cidade Mauriceya" e as construções dos holandeses; a carta da "Bahia de Todos os Santos", muito minuciosa e com a localização de todos os engenhos do Recôncavo; e, finalmente, a "Demonstração do Pernaguá e Cananeia", onde aparece, pela primeira vez, a povoação daquele nome.

Na "Library of Congress" de Washington, existe um Atlas universal de João Teixeira, de 1630, o qual, na parte relativa ao Brasil, se aproxima quase sempre do traçado geográfico do Atlas de 1631, pelo que respeita às cartas parciais. Simplesmente estas, no Atlas de

Washington, estão reduzidas a 11 e foram incluídas tôdas na mesma folha. Trata-se, pois, no que respeita ao mesmo protótipo.

Uma diferença existe, todavia, entre o Atlas de 1630, de Washington, e o de 1631 do Itamarati. A configuração geral do Brasil diverge enormemente, dum para o outro. Enquanto o primeiro, feito visivelmente por encomenda de espanhol, apresenta um contorno geral do Brasil, sofrivelmente arrumado, no segundo, a costa leste — oeste foi muito distendida, de maneira a fazer incluir nos domínios portugueses tôda a bacia do Prata. Quer dizer em mapas do mesmo autor e da mesma data, o desenho geral do Brasil variava profundamente, conforme a pessoa a quem se destinava.

Além disso, na carta geral do Brasil no Atlas de 1631, assim como nas parciais do estuário do Prata e do Amazonas, figura com grande relêvo, tanto ao norte como ao sul, o "Padrão da demarcação entre Portugal e Castella.

Trata-se, pois, dum Atlas de reivindicação nacionalista contra a Es-

panha, dum patriota português, alarmado com a invasão holandesa, e particularmente interessado no Brasil. Tudo isto se compreende melhor sabendo que D. JERÔNIMO DE ATAÍDE pertenceu ao número das figuras primaciais da Restauração de 1640, em Portugal. Já então conde AROUGUIA, êle foi um dos filhos, que a célebre D. FILIPA DE VILHEMA armou cavaleiros na madrugada de 1 de Dezembro de 1640, horas antes de explodir o movimento da Restauração.

Na manhã desse dia, D. JERÔNIMO DE ATAÍDE fêz parte do grupo de 18 fidalgos que assaltaram o Paço e assassinaram o célebre MIGUEL DE VASCONCELOS e sequazes. Ocupou a seguir vários cargos militares de maior importância, durante a guerra entre Portugal e Castella. Finalmente, em 1653, era nomeado governador geral do Brasil, pôsto que ocupou até 1657.

Em resumo: os historiadores do Brasil e, em especial, da Geografia do Brasil possuem mais dois excelentes instrumentos do trabalho.

I CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO VISCONDE DE TAUNAY

A data de 22 de Fevereiro último assinalou o transcurso do primeiro centenário do nascimento do polígrafo brasileiro visconde ALFREDO ESCRAGNOLLE TAUNAY.

Autor de várias obras versando assuntos históricos e geográficos, afora os que dedicou à filosofia, à biografia, aos assuntos militares e à ficção literária, o escritor da *A Retirada da Laguna*, figura entre os principais escritores brasileiros.

Nesta capital e na dos Estados a data foi condignamente comemorada, destacando-se as solenidades promovidas pelo Exército e as de iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual o visconde de TAUNAY, foi um dos membros mais destacados, havendo prestado a êsse sodalício brilhante concurso e eficiente colaboração nos diversos cargos que exerceu. Nas páginas da *Revista*, do Instituto, deixou o grande escritor notável soma de eruditas contribuições.

Solenidade promovida pelo Exército

Na Palácio Tiradentes, o Exército nacional realizou naquele dia uma sessão solene em memória do consagrado escritor e militar, na qual o general Sousa Docca pronunciou substancial conferência.

A cerimônia teve a presença de generais, representante do ministro da Guerra, comissões de todos os corpos e estabelecimentos militares, além de altas autoridades. Também a família do ilustre brasileiro esteve representada por diversos de seus membros incluindo o historiador AFONSO DE E. TAUNAY, que agradeceu ao Exército a sincera homenagem prestada ao herói de Laguna.

Em sua conferência, o general Sousa Docca, traçou em eloquentes palavras, a exemplar carreira de TAUNAY, enaltecendo o seu valor indiscutível como militar e a sua magnificência como historiador dos gloriosos feitos da campanha do Paraguai.

Analisando com compreensão e profundidade a obra de nosso grande patriótico, o general Sousa Docca documentou a sua conferência com opiniões de grandes nomes nacionais e estrangeiros sobre a personalidade insigne de TAUNAY. Assim, teve ocasião de reproduzir palavras do duque de CAXIAS, um dos primeiros a perceber no jovem militar a chama do talento que viria a torná-lo um dos nomes de nossa história militar e literária.

Sem esquecer qualquer particularidade da vida de TAUNAY, o conferencista delineou, com clareza e simpatia,